



ÁSIA NO LIVRO DIDÁTICA DA PNLD ENSINO MÉDIO (2018-2020): RESQUÍCIO DO ORIENTALISMO EM *CENAS DA HISTÓRIA*

ASIA IN THE PNLD HIGH SCHOOL TEXTBOOK (2018-2020): REMNANTS OF ORIENTALISM IN *SCENES FROM HISTORY*

Ygor Yuji Utida Porto¹

RESUMO

A conceptualização do Oriente como uma definição contrária do Ocidente é levantado como uma problemática na obra *Orientalismo: O Ocidente como invenção do Oriente* de Edward Said. Esse conceito representa uma relação de poder que foi aplicado pela Europa em cima dos povos asiáticos, como forma de exaltar a identidade europeia. O livro didático hoje é o fator principal do ensino de História nas escolas, através desse material que irá ajudar propagação de uma visão desconstruída ou generalizada do conhecimento histórico. O objetivo do artigo é apresentar uma análise da coleção didática do Ensino Médio *Cenas da História*, apontando as perspectivas abordadas sobre o Oriente e como elas podem ser positivas ou negativas para o estudo dos povos do hemisfério leste. Com as discussões realizadas ao longo do artigo, é perceptível a quebra da visão “oriente” nos livros didáticos graças à preocupação de delimitar a região asiática.

Palavras-Chave: Livro Didático. Orientalismo. Ensino Médio Público.

ABSTRACT

The conceptualization of East as a contrary definition of West is lifted up as a problem in the work of Edward Said *Orientalism*. This concept represents a power relation has been applied by Europe in Asian peoples, a way of exalt a European identity. Today, the textbook is the main factor of History education in schools, through this material that will help to spread a deconstructed or widespread perspective of historical knowledge. The purpose of this article is to submit an analysis of the education collection of high school, highlighting the perspectives made about East and how they can should be positive or negative to study the people of the Eastern hemisphere. The concerns with orientalism are evident in textbook, delimiting the Asian continent.

Keywords: Textbook; Orientalism; Public High School.

¹ Graduando do 3º ano do curso de História da Universidade do Sagrado Coração (USC – Bauru/SP).

Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes, para as disciplinas de História do Brasil e História Contemporânea. Email: ygoryuji@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

O conhecimento generalizado sobre um saber histórico e cultural pode acabar gerando uma incompreensão em sua complexidade. Edward Said trabalhou um conceito em cima de um saber geral sobre o “Oriente”, que é o Orientalismo (SAID, 1990). Essa base conceitual nos permite entender a idealização construída historicamente em relação ao “estrangeiro” e como ela é generalizada. Nos dias atuais, essa visão unificada é constantemente desconstruída graças ao acesso de informação que a internet proporciona aos usuários. Porém, o resquício desse imaginário ainda se faz presente ao retratar nas grandes mídias o Oriente Médio como lar dos terroristas que ameaçam a “paz” do mundo e o Extremo Oriente (China e Japão) como a terra das festividades e das artes marciais. O ensino de História deve se preocupar em quebrar esses paradigmas que foram divulgados em massa, e a partir disso, desenvolver o discernimento em relação ao “Oriente”, e suas variedades culturais e políticas.

Como é feito o ensino de História? O caminho principal é a escola, através dela que as disciplinas são passadas para os alunos. Essas disciplinas são separadas em Linguagens (Português e Inglês) Ciências Exatas (Matemática e Física), Ciências Biológicas (Química e Biologia), e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia)². O Ensino de Humanas começa no Ensino Fundamental II, que tem como objetivo a introdução de “conceitos-chaves” dos conteúdos. Enquanto o Ensino Médio tem como objetivo o aprofundamento do conhecimento histórico adquirido no Fundamental II (BITTENCOURT, 2008, p.116-118). O ensino é feito através de diversas ferramentas pedagógicas e uma delas será o foco deste artigo, o livro didático.

Através do material didático, o objetivo do artigo é apresentar as visões generalizadas e desconstruídas do Oriente presente no livro didático *Cenas da História*, fornecido pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Ensino Médio Público. PNLD foi criado em 1985, substituindo o antigo programa público de livro didático (PLIDE) com o objetivo de, além da distribuição do material:

² Essas delimitações fazem parte da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Link para mais informações: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.



Indicação do livro didático pelos professores; reutilização do livro, implicando a abolição do livro descartável e o aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção [...]; extensão da oferta aos alunos de 1.^a e 2.^a séries das escolas públicas e comunitárias; fim da participação financeira dos estados, passando o controle do processo decisório para a FAE e garantindo o critério de escolha do livro pelos professores. (MANTOVANI, 2009, p. 32-33).

O programa passa por diversas mudanças ao decorrer da História³. Em 2004, o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) foi criado para expandir o programa público para os alunos do Ensino Médio.

O método de análise do material será com base na aplicação dos conceitos abordados por Edward Said (1990), com a resolução dos principais problemas buscada por esse artigo: O material didático de hoje mostra o “Oriente” como uma visão generalizada ou desconstruída? Quais contextos históricos referentes à delimitação do “Oriente” que é abordado?

A IMPORTÂNCIA E O CUIDADO AO UTILIZAR O LIVRO DIDÁTICO

Utilizando o guia de apresentação do projeto PNLD 2018, é dito que o material didático tem:

Como parte integrante de suas propostas pedagógicas, as obras didáticas devem contribuir, efetivamente, para a construção de conceitos, posturas frente ao mundo e à realidade, favorecendo, em todos os sentidos, a compreensão de processos sociais científicos, culturais e ambientais. (BRASIL, 2017, p. 9).

Como é mostrada na citação acima, a importância do livro didático se dá na contribuição de transferir os valores sociais e os conhecimentos científicos para os alunos. Nessa perspectiva,

³ Para mais aprofundamento das mudanças sofridas no PNLD, recomendo a leitura da dissertação da Katia Paulilo Mantovani - *O Programa Nacional do Livro Didático: PNLD IMPACTOS NA QUALIDADE DO ENSINO PÚBLICO*, e da tese da Celia Cristina de Figueiredo - *O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007)*.



é possível dizer que o livro didático é um objeto cultural por conta do seu papel de transmissor de saberes da época produzida. Sendo um produto da cultura, ela gera debates e críticas de setores fora da educação (BITTENCOURT, 2004). Esses debates estão relacionados com o tipo de conteúdo que é passado, visando a sua “veracidade”, a objetividade e a representatividade. Um setor que constantemente entra em embate é o meio acadêmico.

Para o ensino de História o texto escrito se torna uma ferramenta essencial no ensino da disciplina. Segundo Pereira (2007) “O texto didático, particularmente, muitas vezes, é o único elo que boa parte da sociedade tem entre a sua realidade e sua memória e as descobertas da pesquisa histórica” (p. 2). A partir disso, é perceptível o papel do livro didático como propagador do ensino e da memória, sendo muitas vezes, a única referência dos alunos sobre o conteúdo (PEREIRA, Op.cit).

Voltando ao aspecto do embate acadêmico, há diversos trabalhos de historiadores⁴ sobre a análise de materiais didáticos sobre a perspectiva acadêmica. Nesses trabalhos são levantados alguns aspectos dos materiais didáticos (muitas vezes políticos ou culturais) que são carregados de uma historicidade por trás das representações que foram feitas sobre os conteúdos.

O surgimento dessas análises nos mostra a preocupação de trazer um conteúdo mais preciso (aos olhares das pesquisas acadêmicas) para o Ensino Fundamental e Médio. A preocupação do historiador hoje é a quebra da História como um progresso e um fato verdadeiro, defendido pelos antigos positivistas⁵. Pela didática facilitada e rápida para o cotidiano escolar, os livros utilizados nas escolas podem acabar propagando uma visão generalizada que auxilia na idealização da História como uma reprodução perfeita do passado.

O cuidado que se deve ter com o material didático é essa reprodução padronizada que acaba sendo nociva para o entendimento da complexidade que um período ou uma sociedade possa ter. No âmbito desse artigo, busca-se a precaução do ensino do “Oriente” através dos

⁴ Uma dessas análises é do já citado Nilton Mullet Pereira (2007) – *Representações da Idade Média no Livro Didático*, que leva discussões referentes ao papel do livro didático e como é feito a representação do período medieval. Há também a análise da representação da Península Ibérica na Idade Medieval, trazendo em questão a influência da historiografia francesa na construção didática do período medieval, que foi feito por Marcelo Pereira Lima (2012) – *REPRESENTAÇÕES DA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL NOS LIVROS DIDÁTICOS: OS (DES)COMPASSOS ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA?*

⁵ Positivismo: 1. Sistema filosófico que, banindo a metafísica e o sobrenatural, se fundam na consideração do que é material e evidente (Dicionário Priberiam da Língua Portuguesa).



materiais didáticos. Para entender a conceptualização do Oriente e como esse termo é uma problemática, iremos para o próximo tópico do artigo.

ORIENTALISMO

O Oriente é uma invenção do Ocidente, essa é a conclusão que o Edward W. Said chega ao se deparar com a conceptualização da Ásia. Como se dá essa origem conceitual e por que é uma invenção do Ocidente? Segundo Said (1990), “o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, imagística e vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente.” (p. 17). Partindo dessa ideia, é compreensível que, na sua origem, o Ocidente construiu a identidade do Oriente para diferenciar com o pensamento do oeste do globo, especificamente em sua origem: o pensamento europeu.

O autor aponta que o conceito não apresenta um pensamento livre, pois os pensamentos criados e as análises realizadas são feitas a partir da perspectiva ocidental sobre o outro, o clandestino (Op.cit, p. 15). Qual a necessidade de criar essa diferenciação? Essa diferenciação, conceituada como orientalismo, é apresentado pelo Said como uma relação de poder.

O orientalismo é um campo teórico construído no colonialismo europeu do século XIX, usado para colocar em vantagem sobre Ocidente. A vantagem se refere no momento que se compara a cultura europeia com o “não europeu” e colocar como superior a identidade europeia (Op.cit, p.19). Nesse mesmo século, o Positivismo ganha força, dando o protagonismo do “desenvolvimento e progresso” do mundo aos europeus. Através desse contexto, o campo dos orientalistas ganha força, usando o Oriente como um contraste de experiências em relação à Europa (Op.cit, p.13-14).

Nos dias atuais, há ainda a preocupação desse pensamento ainda estar presente no meio popular e acadêmico. André Bueno (2017) aponta que o pensamento do orientalismo se faz presente na academia no momento que há um bloqueio no entendimento dos conceitos originários dos países asiáticos. Muitas vezes ocorre uma tradução forçada, limitando “a já escassa boa vontade em compreender os ‘asiáticos’” (p. 12). Outro apontamento que o autor faz é em referência as “publicações” (vulgarização do conhecimento acadêmico) feitas para o público não universitário, que são muitas vezes mal vista pelo meio científico. As publicações



devem ser feitas para facilitar o estudo dos povos asiáticos para que aproxime mais a realidade brasileira com povos e culturas tão distantes.

E os livros didáticos públicos de hoje? Faz-se presente o orientalismo? Após a apresentação e compreensão dos conceitos, partiremos para o ponto principal do artigo.

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

Cenas da História é uma coleção produzida no ano de 2016, com autoria de Cândido Domingues Grangeiro⁶, da editora: Palavras Projetos Editoriais. A coleção se divide em três volumes, cada volume é em referência a cada ano do Ensino Médio. Esse material didático foi selecionado através dos critérios de avaliações do PNL D para ser distribuído no Ensino Médio Público.

O ponto principal da análise desse material é identificar os temas referentes às representações do Oriente⁷. No volume 1, se faz presente no capítulo 3 – Pelo Mediterrâneo: egípcios e mesopotâmicos, capítulo 9 – O Nascimento do Islã, capítulo 10 – Tempos de prosperidade e guerras santificadas, e capítulo 11 – Os povos da Ásia. No volume 2, se faz presente no capítulo 2 – O império colonial português e o capítulo 6 – África e Ásia no cenário mundial (1500 – 1800). Enquanto no volume 3, se faz presente no capítulo 5 – África e Ásia: a invasão do capital, capítulo 8 – Começa a guerra total: 1914-1918, capítulo 11 – A guerra ainda mais cruel (1939-1945), capítulo 12 – Gélidos tempos, capítulo 13 – O nascimento do Terceiro Mundo, e capítulo 15 – A nova (des)ordem mundial: o Brasil e o mundo.

Começaremos pela análise do 1º volume. No capítulo 3, a apresentação dos povos mesopotâmicos é feito de maneira breve (três páginas para ser exato). Porém, por mais que sejam escassas as informações apresentada sobre os povos da mesopotâmia, há uma preocupação de dividir o povo sumério, acádio, amorita, assírio e caldeu (de uma forma mais política do que cultural). Dentro desse capítulo surgem dois textos interessantes para serem trabalhados na sala de aula. O primeiro texto é sobre *O poder da escrita* (GRANGEIRO, 2016, p. 50), que mostra como a escrita surge e a sua importância nas sociedades egípcia e

⁶ Mestre em História Social do Trabalho pela Unicamp-SP.

⁷ O Oriente que está sendo abordado não é no sentido pejorativo que já foi desconstruído pelo Edward Said, mas no sentido de identificar os resquícios do orientalismo.



mesopotâmica. O segundo texto é sobre a conceptualização do Modo de produção asiático (Op.cit, p. 52), possibilitando uma relação com a teoria historiográfica do materialismo histórico na sala de aula.

O capítulo 9 foi reservado para a História do Islã no mundo, atualmente é um capítulo de extrema importância pelas tensões que estão ocorrendo no cenário mundial, e uma delas é o embate religioso e cultural da realidade americana e europeia com a realidade muçulmana. A contribuição desse material didático é grande em referência ao ensino da origem, religião, política e da arte (pintura e literatura). Outro ponto interessante é o tópico *Saber islâmico* com o texto “Como os povos islâmicos encaram a própria história e cultura?” (Op.cit, p. 153). Ao apresentar esse título, acaba saindo um pouco da visão do Orientalismo por apresentar a perspectiva do “Oriente” sobre a sua História. No capítulo 10 é mostrada a relação entre o cristianismo e o islamismo, a priori é mostrada uma relação de embate militar e religioso por conta das cruzadas. Apesar disso, há uma preocupação de mostrar o outro lado. Os muçulmanos não são apresentados como a figura antagonista da História, mas sim como o outro lado da História. Além disso, é apontado que esses conflitos possibilitou uma maior troca comercial e cultural entre os europeus e os povos do Mediterrâneo. Esse apontamento quebra a visão nacionalista⁸ da Europa como uma cultura “superior e unificada” do século XIX, visto que a construção da mesma teve influência dos povos mesopotâmicos.

O capítulo 11 começa com a apresentação da obra de Edward Said, ensinando os leitores que Oriente e Ocidente não existe e que foi um conceito para justificar o imperialismo do século XIX. Através dessa apresentação, é perceptível o cuidado do material didático em referir ao “Oriente”, por isso ele dividiu o capítulo em duas partes: Ásia muçulmana e Ásia de Marco Polo. Na Ásia muçulmana foi trabalhado a respeito do Califado Abássida e na Ásia de Marco Polo foi trabalhado sobre Rota da Seda, a China e o Império Mongol.

Agora iremos para o 2º volume. Comparado ao 1º volume, a Ásia é pouco abordado. O foco do volume é voltado ao desenvolvimento econômico e político da Europa e da América. No capítulo 2 apresentam de maneira escassa informações sobre os portugueses nas terras

⁸ A definição de Nacionalismo no Dicionário de Política é: “Em seu sentido mais abrangente o termo Nacionalismo designa a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional (v. NAÇÃO), que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva. O Estado nacional geral o Nacionalismo, na medida em que suas estruturas de poder, burocráticas e centralizadoras, possibilitam a evolução do projeto político que visa à fusão de Estado e nação, isto é a unificação, em seu território, de língua, cultura e tradições.” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p.799).



asiáticas. É citada brevemente a presença portuguesa em Macau e Nagasaki através das missões jesuíticas. O capítulo trabalha mais o aspecto comercial entre Portugal e Índia. No capítulo 6 apresenta, além da relação comercial da Ásia com a Europa, o conflito cultural que ocorreu nesse processo de trocas comerciais. Um tópico que tinha sido deixado a desejar no capítulo 2 foi abordado no capítulo 6. Esse tópico é em relação às missões jesuíticas na China e no Japão, apresentando a reação dos povos asiáticos quanto à entrada dos europeus nas terras e reagindo contra a uma imposição de valores.

Finalizaremos a nossa análise com 3º volume da coleção. No capítulo 5, para começar a parte asiática foi deixado um título provocativo *Ásia: para consumo dos europeus*. Ao analisarmos o texto, é possível identificar uma ferramenta que o professor pode trabalhar: a relação cultural e de poder da Europa sobre a Ásia. É apresentada para o aluno, além da busca dos produtos asiáticos, a busca dos europeus em relação à arte e o pensamento oriental. A relação de poder mostrado no capítulo está voltada a aceitação forçada do modelo capitalista

No capítulo 8, o tema principal está voltado a 1ª Guerra Mundial. Países referentes ao Oriente que são citados nesse capítulo: Japão, China e Turquia (Antigo Império Turco-Otomano). Japão e China são citados de forma breve, sendo resumido apenas como conflito asiático na guerra mundial. O Império Otomano é apresentado em seu fim, com o auxílio do texto sobre o genocídio armênio⁹. O capítulo 11 é referente à 2ª Guerra Mundial, nele é falado sobre o Japão. A sua atuação na guerra é pouco apresentado, sendo citado o motivo da aliança com a Alemanha e a Itália, a invasão japonesa na base americana Pearl Harbour, mapas que mostram a expansão do Japão no Pacífico, e o final da guerra com o lançamento das bombas atômicas.

Ambos dos dois últimos capítulos dessa análise a seguir são abordados de maneira política e econômica. No capítulo 12 é apresentada em um dos tópicos *Ásia em (re)construção*, abordando a reconstrução do Japão após os ataques atômicos dos EUA, a entrada da China no comunismo e a Guerra da Coreia. No capítulo 13 são abordados dois temas referentes ao Oriente: Ásia como frente anti-imperialista e as tensões do Oriente Médio.

Com a apresentação dos capítulos e das breves análises feitas, o material didático se volta para explicação mais política e econômica, e também, alguns países da Ásia são deixados

⁹ A respeito do genocídio armênio, recomendo o link a seguir para entender mais sobre esse episódio trágico na História: <http://genocidioarmenio.com.br/>.



de lado da História do Ensino Médio por não estar relacionado com a trajetória histórica da Europa e do Brasil. No entanto, há um cuidado de usar termos generalizados como Oriente e Ocidente, e também há uma explicação cultural (algumas vezes na perspectiva do povo da etnia abordado) de alguns temas.

Há pontos positivos no material (que se concentra mais no Volume 1 e 2), como por exemplo, o livro oferece ferramenta para o professor trabalhar diversos temas interessantes que está dentro das discussões no meio acadêmico, como é o caso da conceptualização do Oriente e da identidade islâmica. Ou ainda textos complementares¹⁰ que auxiliam o saber dos alunos. Os pontos negativos surgem (a partir do Volume 3) no sentido de não abordar todos os países da Ásia no momento que é selecionado no título a situação política da Ásia, ou seja, não está abordando a especificidade de cada país em relação com o contexto histórico. Os capítulos são abordados no material didático entre 10-20 páginas, portanto a generalização do conteúdo pode acontecer facilmente por não ser o suficiente para abordar em poucas páginas.

Outro fator que facilita a generalização é a escassez da abordagem cultural¹¹. Se for procurar uma justificativa para abordar alguns contextos asiáticos no livro didático seria por conta da relação histórica que esses países tiveram com a Europa e com o Brasil, mas aí entraria em uma contradição com um tema que poderia ser abordado, que seria relacionado com a História do Brasil, é a respeito dos migrantes japoneses que foram para o Brasil durante o início do século XX, por conta da crise que o país estava passando. Seria facilmente relacionável com a participação japonesa na 1ª Guerra Mundial e na 2ª Guerra Mundial¹², tornando assim, uma abordagem que ligaria diversas perspectivas.

De uma forma positiva o “Oriente” foi descartado, mas no lugar está a Ásia generalizada, por isso o resquício do Orientalismo ainda está minimamente presente.

¹⁰ Os textos complementares analisados foram sobre: Volume 1 - *O poder da escrita* (GRANGEIRO, 2016, p. 50), *Modo de produção asiático: a visão dos marxistas* (Op.cit, p. 52), *Como os povos islâmicos encaram a própria história e cultura?* (Op.cit, p. 153). Volume 3 – *Na era do genocídio* (Op.cit, p.141).

¹¹ Por mais que eu tenha citado na página 7 que há algumas explicações culturais sobre relações entre povos, é pouco se for relacionar com a quantidade de tema que foi abordado nos três volumes. Essa falta é sentida no Volume 3, graças a preferência em abordar sobre a política e econômica.

¹² Um livro interessante a respeito da participação japonesa durante a Segunda Guerra é o *Corações Sujos* de Fernando Morais (2000). Esse livro mostra os japoneses do Brasil que reagiram de acordo com o final da Segunda Guerra. Durante a Guerra e no final dela, os migrantes sofreram com o preconceito por serem japoneses, mas alguns organizaram grupos nacionalistas que propagavam ideia de que o Japão ainda estava em guerra e caçavam os traidores de sua pátria.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos pontos negativos que foram apresentados, se compararem com a quantidade dos pontos positivos, é proveitoso dizer que *Cenas da História* é um bom material para construir relações complexas da Europa com os outros povos não europeu. A presença do próprio conceito de *Oriente como invenção do Ocidente*¹³ se torna fundamental na construção de um saber livre de parâmetros do senso comum. A escolha desse material pelo PNLD se deve as mudanças que ocorreram nesse programa público. Hoje, a presença dos professores na seleção dos materiais didáticos como recurso pedagógico é de grande importância e é incentivado nos guias da PNLD. A crítica a PNLD na tese de Cassiano (2007) e na dissertação de Mantovani (2009) foram significativas para os dias atuais, que é o firmamento da importância do professor na sala de aula.

Como já foi apontado anteriormente¹⁴, o livro didático tem o papel essencial na formação dos alunos. O ensino não é feito apenas pelo que é apresentado no texto escrito do material, mas o papel do professor é a “chave” principal na mediação o saber e do sujeito, que é o aluno. Segundo Bittencourt (2008) “O professor é quem transforma o *saber a ser ensinada* em *saber apreendido*, ação fundamental no processo de produção de conhecimento.” (p. 50). Nessa citação, podemos relacionar o *saber a ser ensinada* com o material didático, pois é através dele que ficam disponíveis para o aluno os novos saberes que serão absorvidos. Enquanto isso, o *saber apreendido* seria a compreensão por parte dos alunos a respeito do que foi estudado.

Por isso, é necessária a quebra do resquício desse pensamento orientalista, para não levar aos alunos a um senso comum sobre os diferentes povos asiáticos, e que as contribuições desses povos foram importantes na construção do mundo atual globalizado. Infelizmente na formação dos novos professores de História carece abordagem a respeito da Ásia, como é apontado por Bueno (2017 p. 8-9). Como professores, devemos tirar o papel do protagonista da História da mão dos europeus.

FONTES

¹³ Subtítulo do Livro *Orientalismo* de Edward Said (1990).

¹⁴ Página 3 do artigo.



GRANGEIRO, Cândido. **Cenas da história**: volume 1: ensino médio. 1 ed. São Paulo: Palavras Projetos Editoriais, 2016.

_____. **Cenas da história**: volume 2: ensino médio. 1 ed. São Paulo: Palavras Projetos Editoriais, 2016.

_____. **Cenas da história**: volume 3: ensino médio. 1 ed. São Paulo: Palavras Projetos Editoriais, 2016.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Em Foco: História, produção e memória do livro didático. **Educação e Pesquisa**, Apresentação, v. 30, n. 3, set./dez. 2004. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a07v30n3.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

BOBBIO, NORBERTO; MATTEUCCI, NICOLA; PASQUINO, GIANFRANCO. **Dicionário de política**: VOL. 1. 11 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2018**: apresentação – guia de livros didáticos – ensino médio/ Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017.

BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria (orgs.) **Mais Orientes**. Rio de Janeiro/União da Vitória; Edições Sobre Ontens/LAPHIS, 2017.

CASSIANO, Célia Cristina De Figueiredo. **O mercado do livro didático no Brasil**: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007). Tese (Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.



DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Positivismo**. Disponível em:
<<https://www.priberam.pt/dlpo/positivismo>>. Acesso em: 21 mai. 2018.

LIMA, Marcelo Pereira. REPRESENTAÇÕES DA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL NOS LIVROS DIDÁTICOS: OS (DES)COMPASSOS ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA?. **REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 165-196, jun. 2012.

MANTOVANI, KATIA PAULILO. **O Programa Nacional do Livro Didático: PNLD IMPACTOS NA QUALIDADE DO ENSINO PÚBLICO**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

MORAIS, Fernando. **Corações sujos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PEREIRA, Nilton Mullet. Representações da Idade Média no Livro Didático. **XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, Anpuh, São Leopoldo/RS, Unisinos, 2007.

Disponível em:

<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Nilton%20Mullet%20Pereira.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GRADECIMENTOS

À Deus, pelas bênçãos ao longo da minha caminhada acadêmica e profissional.

À Universidade e ao seu corpo docente, por fornecer a bagagem e oportunidades necessárias para a minha formação humana e profissional.

Aos meus familiares e amigos, pelo apoio e incentivo na continuação da minha graduação.



À professora Dra. Eliane Aparecida Toledo Pinto, pela oportunidade da construção deste artigo na disciplina Métodos de Pesquisa em Educação e suas orientações.